

Observações gerais

Já estamos bem próximos ao Natal. O 4º. Domingo do Advento anuncia o nascimento de Jesus. A 4ª vela da coroa do Advento é acesa lembrando o anjo Gabriel.

Crianças menores

Texto básico – Mateus 1.18-25

Provavelmente, em muitas Paróquias, essa será a última oportunidade do ano para estar com as crianças. Muitas famílias talvez já tenham viajado e a classe pode estar esvaziada.

Aproveite para resumir tudo o que foi estudado nos domingos anteriores, recontando a história do Natal. Não se preocupe em repetir. Crianças pequenas gostam de ouvir as mesmas histórias.

O presépio já deve estar pronto. Se possível, reúna-se em volta do presépio e lembre a importância dos animais e das flores;

Pergunte se elas já viram ou conviveram com uma mulher grávida e reconte com toda vivacidade possível, o anúncio da gravidez de Maria.

Pergunte se elas já viram trocar as fraldas de um bebê ou quando o bebê chora com cólicas. Faça-as entender que quando nasceram, também deram bastante trabalho às suas mães e pais e ilustre-o quanto é difícil cuidar de uma criança recém-nascida;

Enfatize bastante o simbolismo dos anjos e aproveite para ensinar as crianças a rezar.

Faça-as compreender que há criancinhas pobres e que Jesus também nasceu pobre.

Lembre-as que todas as crianças são um presente de Deus para a humanidade e que por isso é preciso respeitar todas as crianças, especialmente os bebezinhos e crianças menores.

Ensaie com ela ao menos uma música de Natal para que elas participem da liturgia cantando (o ofertório é bem propício), se possível com as crianças mais velhas.

Crianças maiores / Adolescentes

Texto básico – Isaías 7.10-17

Crianças maiores e adolescentes já têm informações razoáveis sobre guerras. Afinal, muitos dos jogos de vídeo-game exploram exatamente a violência e a agressividade.

Contudo, embora conheçam táticas militares e saibam “atirar” com os controles dos jogos, essas crianças ainda não têm consciência das conseqüências sociais, emocionais e psíquicas de uma guerra para as populações envolvidas.

A construção de uma cultura de paz é uma das ênfases do anglicanismo na atualidade e o texto de Isaías é bastante propício por situar-se em uma época de guerra.

Explique às crianças que Judá, o reino do Sul estava sob ameaça de invasão bélica da Síria e do Reino do Norte (Israel). Esse fato gerou grande angústia nos moradores de Jerusalém, a ponto de o texto bíblico dizer que o povo ficou com tanto medo que tremia como varas verdes (Is 7.2, conforme a tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*).

Foi nessas circunstâncias que Deus levantou o profeta Isaías para transmitir ao rei Acaz uma mensagem de conforto e esperança. Isaías desafiou o rei Acaz a pedir um sinal a Deus, mas o rei se recusou. Então Deus falou por meio de Isaías, dizendo: “O Senhor mesmo lhes dará um sinal: a jovem que está grávida dará à luz um filho e porá nele o nome de Emanuel, que significa Deus conosco”.

Isaías referia-se à jovem esposa de Acaz, grávida do herdeiro do trono. Isaías provavelmente esperava que o sucessor de Acaz pudesse ser o aquele rei que promoveria a paz. Contudo, o herdeiro não era ainda o “Príncipe da paz”.

Explique que os profetas não eram pessoas que anteviam o futuro, mas que dissecavam o presente e anunciavam palavras de esperança.

Explique que o ministério de Jesus (seus ensinamentos e sua prática) muito tempo depois deram aos seus seguidores (Igreja) a convicção de que Jesus, sim, é o Príncipe da paz. Por isso o Novo Testamento relê toda a história de Isaías tendo Jesus Cristo em mente. Pela morte e ressurreição de Cristo compreendemos que ele cumpriu as promessas anunciadas por Isaías e que nenhum dos reis de seu tempo conseguira realizar. Cristo sim, embora nunca tenha sido reconhecido pelos judeus como Messias, era o prometido e esperado “Príncipe da paz”.

Desafie as crianças a escrever pequenas frases (slogans) sobre paz em um cartaz e levá-las ao ofertório.

Jovens e Adultos
Textos - Isaías 7.10-17 e Mateus 1.18-25

Isaías 7.10-17

Algumas informações da aula aos adolescentes podem ser úteis para falar sobre o texto de Isaías.

Informe que a palavra “virgem” em muitas de nossas traduções está mal traduzida. No hebraico a palavra não é “virgem”, mas simplesmente “jovem”, e diz respeito a uma jovem mulher, independente de sua condição sexual. Isaías referia-se à jovem esposa de Acáz, grávida do herdeiro do trono. Isaías provavelmente esperava que o sucessor de Acáz pudesse ser o Messias, aquele que reuniria novamente Judá e Israel e promoveria a paz.

Isso fica mais evidente no capítulo 9 quando Isaías celebra o nascimento de Ezequias, herdeiro de Acáz: *“Já nasceu uma criança, Deus nos deu um menino que será nosso rei. Ele será chamado ‘Maravilhoso Conselheiro, Príncipe da paz’, o seu poder real crescerá e haverá paz em todo o seu reino”*. Ezequias, de fato, é bastante elogiado em II Crônicas 29. Mas não era ele o Messias.

De que modo a “jovem” rainha virou “virgem” e esse título foi mais tarde atribuído à mãe de Jesus? Não se trata de milagre, mas de erro de tradução. Os judeus que traduziram as profecias de Isaías do hebraico para o grego (tradução conhecida como “Septuaginta”) é que erraram na escolha da palavra. Mais tarde, quando Mateus escreveu o seu evangelho em grego, utilizou como base para ler Isaías exatamente a tradução mal-feita da Septuaginta. Desse modo, leu Isaías como se referindo a uma virgem sexualmente.

Mateus 1.18-25

Mesmo assim, o enredo do nascimento de Jesus continua envolto em beleza e mistério, e estimula as Igrejas da Comunhão Anglicana a considerar temas que não são muito abordados em outras igrejas, tais como: as muitas possibilidades interpretativas dos textos bíblicos, para muito além de um sentido meramente literal.

A isso os estudiosos chamam “hermenêutica” (arte da interpretação). Atualmente, há consenso em afirmar que um texto de natureza sagrada ou um texto artístico (poesia ou música, por exemplo) por lidarem com o imaginário, o inconsciente coletivo, o subconsciente e as mais diversas conotações simbólicas, sempre é um texto “aberto”; ou seja, ele nunca se esgota em uma única interpretação, principalmente as literais. Interpretar literalmente textos sagrados é diminuir sua importância, reduzir seus múltiplos significados a uma interpretação unívoca (única) e esgotar a criatividade.

É preciso considerar também que a narrativa acompanha, no seu estilo, um gênero literário bastante comum para aqueles tempos: as narrativas míticas do nascimento de deuses. Esses relatos eram comuns muito antes de Jesus (o “Buda”, por exemplo, também teria sido fecundado sem contato sexual, bem como Apolônio e outros ilustres gregos).

De qualquer modo, é preciso muito respeito ao nos aproximarmos da narrativa do nascimento de Jesus. Em certas correntes místicas esse texto é

tomado como dramatização de uma estória divina: a plenitude da coabitação entre o princípio masculino do universo (Deus “Pai” ou yan para os chineses) e o princípio feminino (yin ou Ruah – Espírito” que em hebraico, é uma palavra do gênero feminino) teriam gerado “o Verbo” que veio a ser conhecido como “o Cristo”. Nessa visão mística, quando as Escrituras dizem que Maria concebeu pelo “Espírito Santo”, a afirmação seria de que Ruah fecundada na eternidade escolheu Maria para ser portadora e mãe de Deus (Theotokos).

Embora interessante e estimulante, tal interpretação evita outro tema candente no texto: a sexualidade de Maria. A paternidade humana de Jesus é um mistério oculto na eternidade e jamais saberemos a procedência do cromossomo XY que encontrou o óvulo de Maria. A ênfase exagerada na virgindade física/biológica ocasionou uma mariologia etérea e bastante castradora para as mulheres.

Para além das questões semânticas e dos estudos em religiões comparadas, o texto nos remete também para uma questão muito prática – a grande quantidade de crianças filhas de mães solteiras e os preconceitos que ainda cercam essa realidade bastante comum em todas as épocas. Humana e sociologicamente falando, Jesus foi filho de mãe-solteira e essa condição envolta no mistério da encarnação, o aproxima, desde sua concepção, de milhares de pessoas nascidas na mesma condição, além de redimir graciosamente as muitas mulheres que viveram e vivem essa situação.

Observe a angústia de José e recorde a narrativa paralela de Lucas, contando que Maria teve que passar uma temporada com sua prima Izabel, provavelmente para preservar-se dos falatórios e fofocas de uma sociedade machista e até mesmo da perseguição das lideranças religiosas.

Há teólogos anglicanos que derivam dessa compreensão uma consequência pastoral: a de que deveríamos sempre batizar crianças filhas de mães solteiras. Isso poderia ser uma marca de nosso testemunho profético, em uma sociedade hipócrita e de posturas religiosas que discriminam e excluem as mulheres que estão nessa condição. Elas são milhares de mulheres espalhadas pelo mundo todo.

Não tenha medo de escandalizar algumas pessoas com essa aula. Você perceberá que muitas pessoas já desconfiavam que essa história não estava bem contada, mas temia verbalizar suas desconfianças devido ao forte peso da mariologia romana ou das interpretações literais protestantes.

Lembre ainda que a palavra “virgem”, continua a ser utilizada como atributo para Maria (inclusive nos Credos), mas poucos dão a essa palavra um peso literal e alguns anglicanos preferem “Santa Maria” .

Refleta sobre a Coleta para o 4º dom. do Advento:

Ó Deus Onipotente, purifica a nossa consciência com tua visitação diária, para que o teu Filho Jesus Cristo, na sua vinda em glória, encontre em nós a morada preparada para Si; o qual vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.